

ELES BEM O SABEM!

Pois que quer ele—esse que trouxe da Serra para a redação do «Mó-
cado Livre»—o anônimo protesto da sua ampi-ignorância?

Que quer ele—esse que nunca leu nem teve quem lhe lese a Sagrada
Escritura—o Livro Santo—não Bíblia?

Que quer ele—e sobretudo o sacerdócio que está dentro dele a defender
a esmola ao negro—enquanto milhares e milhares de homens e mulheres, de
velhos e crianças, estão à miséria de tudo, porque se lhe não dá nem dinhei-
ro nem trabalho?

Que dado sabe ele—e, afinal, todos os vigários? Nada.

Pois que vê, pois, esse... talar da Bíblia? Se ele nunca a leu—se nem
ele a sabe ler—e, sofrendo, porque os bispos não lha deixam ler?

Sem saber. Os papas, os bispos, os cardinais—todos os grandes da e-
greja—não querem que nos leiamos a Bíblia?

Além disso, é de se admirar que de que «a leitura e interpreta-
ção da Bíblia não é de exata que Jesus Cristo estableceu e determinou para o
Crístico conhecer a sua doutrina e acreditabilidade»

Exceções estas palavras em 1878—o cardenal bispo do Porto—D. Ameri-
co—na sua instrução pastoral sobre o Protestantismo—um dos mais comple-
tos depostos de heresiedades, de que reza a história do episcopado português,
antes do livro ultimamente publicado pelos vigários—with o título—A igreja
e o pensamento contemporâneo!

* * *

Parece que, naquele tempo—ainás tão recente—um bispo podia dizer
coisas tão fantásticas, diante do silêncio passivo da inteligência—em Portugal!

Pois onde está escrita a vida—a história—a doutrina de Jesus? Na Bí-
blia.

A vida—a história—a doutrina de Jesus Cristo—está nos evangelhos de
S. Mateus, de S. Marcos, de S. Lucas, de S. João e nas epístolas de S. Paulo.

Está ali tudo—claro e simples. Toda a gente lá o entende.

Ali está a guerra e entende a palavra de Jesus.

Ali é que se vê a razão e o orden—o palavra da verdade. Apesar de se
ter intercalado, ali, muiro, matinismo, da mente católica—e, ainda assim,
ali, que está a verdade cristã.

E toda a gente lá o entende a alma e o espírito de Jesus Cristo.

E é ali também que o crente aprendeu a amar a palavra verdadeira de
Cristo—e saberá, por ela, adorar a Deus. E ali—na Bíblia—é na Sagrada
Escritura—no evangelho de S. João—capítulo IV—quando Jesus, falando à
mulher de Samaria—lhe disse—Malheur, crê-me que é chegada a hora em
que vos não adorareis o Pão, nem neste mundo, nem em Jerusalém... Deus é
Espírito; e os espíritos e verdades é que o devem adorar ou que o adorem.

* * *

Os vigários—tados os vigários, afinal—congeos, bispos, sacerdícies, shan-
des, cardeais e papas—não querem que nós conhecemos, palavra por palavra,
a Escritura Sagrada—porque, lendo atentamente a Bíblia—ficamos espantados
do abismo profundo que separa a Igreja de Roma da Igreja de Cristo!

Eles não querem que nós digamos as Povo o que este escrito nos livros
Santos—porque quando l-o é por em relevo o mundo de inventos, de menti-
ras, de burlas, fantasias—criado pela Igreja de Roma, para desordens das vas-
tas ambigüezas clericais.

Eles bem sabem, por exemplo, que a mãe de Jesus Cristo não foi nem
é ná deles disseram—para enganarem o malhete todo, e os anallabes
e os ignorantes.

A mãe de Jesus é uma figura sem vulto, sem relevo, sem brilho—é uma
figura inteiramente apagada na leitura e no espírito dos evangelhos.

O olhar da Virgem é todo leito de palavras de vigários—daí as escritas,
todas, contra o pensamento de Jesus Cristo—contra a Verdade!

E sóz vimos ver se é assim ou não.

CARLOS BABO

DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA O UNIVERSO

I—Considerações

(Continuação)

Se a vida resulta, como o certo, de um
desenvolvimento da matéria, quando o Sol se extingue é claro que
desaparecerá da superfície da terra e das
planetas. Mas não sabemos ainda em que
modo.

As aves voadoras, os cães, os
camundongos também só permitem consta-
tação de que o Sol, uma vez
extinguido, não pode ser visto, mas que
no fim d'esse tempo tão longo quanto
não queremos imaginar, o Sol ressuscita
e volta a brilhar, e que o mundo
vive de novo.

Será certo que a partir d'esse
momento não mais é possível a vida?
Será, mesmo que o Sol ressuscite, o dia
que o Sol não é visível, ao contrário, des-
cobre-se na direção da constelação—Hercules—que é a direção das estrelas que
se afastam de nós por causa da velocidade
de saída deles de跟 do Sol. Mas, nessa
hora, ele não se encontra nenhuma regiā
entre o sol e nós, que o nos
teme d'esse dia, o dia, o céu e a terra,
sistema interior seja aquietado no sono,
e nenhuma pressão que o universo teme
nosso sistema solar, só podia ser generalizado até
ainda.

Avessando absolutamente se o poder
que nos levou a materializar
tudo isso nas suas manifestações; todo
o amor, todo o contentamento, todo o
contentamento do movimento e da vida ou infi-
nitamente.

As descobertas anteriores mostram
que o universo é sólido em sua gama
de constelações que se afastam
do horizonte da terra, as estrelas brilhantes
vêm já no horizonte, e que os sistemas
solares que se afastam de nós, que
nos mostram as manifestações da actividade que
anda o domínio de todo homem se ex-
tendem ao universo e das assas-
tâncias criadoras, desprendendo-se im-
mediatamente a extensão do tempo e da
infinitude.

II—A evolução cósmica

Sabe-se que a matéria, em suas dife-
rentes estruturas, tem sido sempre
constituida, mas sempre, por parte
desta ou estase, por parte, segundo este
estudo, as materiais, ficam em grande
parte, em constante transformação,
mas, nesse processo de rotativo extremamente
rapido, e um revolvimento de translação
extremamente rápida, que é o resultado
desta movimentação resulta de que
toda essa moléculas materiais de suave
movimento rotatório, que é o resultado
desta constelação, que se afasta de
nosso sistema solar, capaz de se transformar em todos os
outros movimentos, portanto, se repre-
sentam sous de trânsitos diapause a
extensão.

Segue-se que as moléculas gaso-
osas que a energia parece estar, ou mais
certo, que a energia parece estar, a mo-
vimento, a matéria mostra-se que a ma-
teria é sempre movimento, precisamente se-
estado de inersia, condição de ação.

Se o supõe fôr a matéria do nosso
universo solar evidentemente expulsa no
espacio, e que é a constelação de Neptuno,
constelação d'ali uma vedetona
galáctica, homogênea que seria gravita-
ção, que é a gravitação, que é a gravita-
ção ou histerese em preção ordinária,

o qual pôr certas vezes nosso que o, an-
te a matéria, é evidentemente que os
sistemas solares, que se afastam de
nós, podem não sór em sua forma
principal, pôr nos afastar uns pesos. Sa-
mos, portanto, que a matéria é
constelação, etc., baseando-se sobre o es-
tado da forma, achando que a matéria
pôr ser a matéria, que é a matéria
que é a matéria.

O céntro, e, talvez, a circunferência
de todos os sistemas solares, que se afas-
tam de nós, é a matéria, que é a matéria
que é a matéria.

Conclui, etc., baseando-se sobre o es-
tado da forma, achando que a matéria
pôr ser a matéria, que é a matéria
que é a matéria.

Assim, Bernardo, Miguel
Napoleão de Matos
Kerensky Zimbra

—*Tr. R. K. Knobell, Jr., D. B.
Copyright by Tener*

(Continuação)


Visado pela censura

Povo, voz soberana

Nas horas culminantes da
incerteza, nos momentos da
mais crepitante incerteza, nos
instantes da mais desalentada
esperança—apenas uma voz ge-
nerosa, uma força indomita, u-
ma fôrça imordedo, galvanizada
pelo sangue do sacrifício, setem
sabido maner, sem um desla-
cimento, com uma alta pronti-
dão, na vanguarda da pugna
pela Integridade Nacional!—o
Povo.

Ao toque de reunir ei-lo em
massa, formando um único cor-
po, uma só vontade, vibrando em
um unísono, no seu peito, cal-
çando pôla ardência de uma
existência miserável, um hino de
sabido orgulho de si-próprio,
por ter enjego de se sacrifi-
car pelo terrão que foi erguo
da sua meninice, e na sua alma
pobrada, uma balada tremente de
um entusiasmo que lhe faz
esquecer aqueles que, caso Ele
lhe tenha como recompensa do seu
sacrifício à Morte, ficarão
—talvez, para sempre...—bra-
cejando no mar infinito de mis-
eria.

E assim o Povo Português!
Quando o meu pensamento
se afunda nas páginas da nossa
História, voi encontrá-lo, sem-
pre, no momento preciso, na
hora decisiva, oferecendo o seu
sangue, a sua vida, como tributo
para o resgate da Pátria Portuguesa!

Quem coloca á sua frente,
como rei, o jovem Alfonso Hen-
riques, para dar inicio à luta
gloriosa da expansão daquelle
que primeiro na Europa foi Na-
ção?

Quem repudia o governo de
D. João de Castela, marido de
D. Beatriz, e aíense Mestre de
Aviz, Regente do Reino?

Quem se hate denodada-
mente, pela causa da Inde-
pendência, nos campos de Alju-
barrota, por onde gloriosamente
as almas portuguesas baque-
ram?

Quem tenta ainda, apesar
de chão de lama e da tristeza,
conter o exercito do Duque de
Alba que havia de impôr à ra-
ça portuguesa um deprimente
calvário de sessenta anos?

Quem cançado de tanto so-
frer, em 1635, protesta contra
a violência dessa opressão de-
gradante, oprobrio de uma tra-
dição de resiliante bátillo?

Quem, esquecendo os agrav-
os de uma repelente nobreza
que rastejava aos pés do Du-
que de Mantua implorando
para ser o Juiz inquilino e ju-
gador dos caudilhos da revolta
de Évora, a primeira explosão
da Alma-Nacional, contra o ju-
go ignobil de Espanha—é a
chama acalentadora, o fulcro,
da jornada gloriosa de 1640?

Quem, sempre que podia
e consoante os seus recursos,

Caridade

Realizou-se há dias uma reunião no Governo Civil, para a qual fomos convidados e que teve por fim a nomeação duma comissão para o organismo e funcionamento duma instituição de caridade que terá por objectivo distribuir refeições aos necessitados. Desta comissão executiva, faz parte um representante de cada uma das seguintes entidades: Sindicato dos Carteiros, Associação Comercial, Centro Artístico Alentejano, Junta Ousal, Loures, Futebolístico e Confederação de S. Vicente de Paúla.

oferecia alguma resistência à onda devastadora das exercícios franceses, impéts belicos de Napoleão lançados sobre a Terra Portuguesa?

Quem tem uma acção grandiosa na luta pela causa da liberdade, reflexo do passo gigantesco de 1789?

Quem, em 1910, escorregava para sempre a mais degradante dinastia de Portugal, iniciada pelo «pigas» que foi D. João V?

Quem sobre o solo africano, como enviado de uma Nação, defende a nossa autoridade colonial?

Quem, levando dentro do seu saco feito de remendos a guitarra portuguesa ou o harpa-mônium da romaria e na garrucha o nosso fado ou as desgarradas, vai campear o seu devenir nas terras da glacial Flandres, mostrando ao mundo inteiro a soberania da nossa Pátria e assegurando mais solidamente a nossa hegemonia ultramarina?

Quem...

Tu, meu bom Povo Português de extraordinária alma; tu, que encarnas, ainda hoje, a valentia e a tempera Daqueles que outrora entravam, animados pelo espírito aventureiro e pelo arreigado amor ao nome dos Portugueses, que mais alto queiram engrer; tu, que à porta dos bancos guardaste o dinheiro dos ricos, para que salisse livre de macula a tua República, por ti tão estremecida; tu, que te amaste e foste num arraço sublime de fé idealista, engraves de novo no cimo da serrra de Monsanto o pendão verde-nubro mostrando, nildia e insufismavelmente, que a Ideia republicana vive no teu peito humilde e que, portanto, é impossível retroceder!

Povo, eu te saúdo, como sendo a sentinelha sempre vigilante dos destinos da República que tão gallardamente tens sabido defender e que ainda hás de iluminar inconfundivelmente este caminho — onde a terra, a cabra e o mar começam—, onde o sol tem mais brilho e o luar é mais meigo — PORTUGAL!

Autor Maldonado de Freitas

Política internacional

A REPÚBLICA CHINESA

A grande nação chinesa, com os seus 450 000 000 de habitantes, viveu até aos princípios do sítio secular em plena monarquia feudal. As suas Grandes Marxes, paracais, empedradas pelo qual caminho descobriram a civilização europeia, americanas e anglo-saxónicas contactaram com as potências ocidentais e com os E. U. A. até meados do século XIX, excepto levava para Portugal com quem assistiu relações, devido a uma aliança naval que dava ao seu governo o direito a manter a sua flota no oceano da China.

Favoritas portuguesas establecidas nas suas costas e a olhar a costa de Macau, foram as provas de gratidão dos impéndores para com Portugal.

Porem a sua política de isolamento, que não tardou a virar-se contra si mesma, nem tardou a provocar o sítio do seu rei, que abertamente os seus navios europeus e norteamericanos.

Mogols, manchos e tibetanos viviam a sua política de isolamento, que não tardou a ser rompida, e desde tempo mais recente, célebre de um sítio que durou 1000 dias, os europeus penetraram em toda a China: O «Filho do Céu» habitava em Pequim — cidade do Norte — sede de toda a côte e das suas cidades mais importantes e suas populações de imprensa.

Com as relações exteriores os estrangeiros foram deixando os seus países o Grande Império, os ingleses sobretudo, que se instalaram em Hong-Kong, os russos em Port Arthur e concorrentes internacionais foram estabelecidas em Costão e Xangai.

Com a conquista do literal pelos estrangeiros a revolta dos nascimentos no espírito chudo e exótico que se deu na China — Ching-Teh — se apresenta assim a implantação da República, precedida, máxima da mentalidade mongólica, logo que se dá o Março de 1912. A Capital continua em Pequim e o seu primeiro presidente da República chinesa, o Dr. Sun-yi-Sen, apostolo da propaganda e grande expoente educado nas Universidades Europeias.

O advento de novo regime fiscalizou por côrto ás suas impéndoras, car lhe as vergonhosas jogos dos senhores feudais e um luto mais novo nas suas nacionalistas obstará à fixação de empresas no território nacional, estabelecendo-lhe tanto quanto possível os interesses que elas iam lhe trazer.

O regime constitucional manteve-se sempre socialmente até 1926, até que a ditadura nacionalista de Chiang-Kai-Chek veio derrubar a China em vacua sapões que até lá havia pouco se julgavam irreverentes.

O general Chiang-Kai-Chek constituiu um governo nacionalista — o Kuomintang — e a capital passou para Nankin — a cidade do sul. A primeira grande luta intensa dressé com

Chen-Tse-Ling, governador da Macau e pôs o actual governador, o general Chao-Sze-Ling. A guerra durou bastante tempo, ate que aquela figura, que era a única a detinhar a dimensão perniciosa constante, expresa em que regenerava á sua terra.

Na grande guerra dezenas com a falange comunista chinesa. Desde há muito que os ideais comunistas já haviam entrado na China e militares e militares de chicos tinham aderido ao novo ideal proletário. Devido a isso, o general Chao-Sze-Ling, que era o agente de Macau. Na sua chapa surgiu entre estes inquietos insurretos, das lado o exercício nacionalista comandado pelo chefe do estado, de outro o exercício comunista — a Brigada de Ferro — comandado por Tang-Cheng-Chie e se Chang-Ching-Chien, que era o general que representava o ideal inspirado á Iugoslávia.

Uma das últimas decisivas intenções lhe a guerra civil. Neste castelo Sul, Pequim castelo Nanking, luta que teve uma direcção religiosa, pois à facção nortista ressuscitou-se um pequeno exercito dos generalistas que pretendia combater as subidas de Chen-Tse-Ling.

Em 1930, Castro designou-se de Nanking e estendeu á sua costa o governo nacionalista destacaram-se Chai-Pei-Teh e Feng-Yu-Uang, homens que vieram de um papel importante nesse lado, assim lutaram governo central.

Castro e a China, dividida em quatro províncias distintas e governos de Chao-Tchien, que era o sacerdote de Nanking, o governo de Pequim e o estado autónomo da Manchuria. Porém, só em Pequim residia o corpo diplomático acreditado na China, prova clara que as potências ainda tinham aquela cidade, por capital da República.

O conflito Sino-laperneira, se por um lado veio aletriar as paixões á integridade do território chines, por outro lado veio terminar as grandes rivalidades entre individuos da mesma raça. O ditador de Nanking, Chiang-Kai-Chek, respondeu o seu cargo de Presidente da República da China e a cabeça de governo de Kuomintang — tornando-se o governo verdadeiramente nacional. Formado este, estabeleceram este individuo da extrema-esquerda e membros do governo castanhas, de quem já acima falei, os imigrantes mais sofridos do ditador nacionalista mostraram-se bem dispostos a fazerem o seu dever no Extremo Oriente. Caso este Governo Nacional, estivessem no governo individuos de todas as cores políticas, haveria igualmente grandes probabilidades de saido entre Ma-kao, Pequim, Nanking e Castro e talvez esta utilização desse novo rumo à peleja entre chineses e japoneses, era que estas levavam razão de vencida, apontando o destino certo da grande nação.

L. G.

AOS NOSSOS ASSINANTES

Em virtude de varias reclamações que temos recebido á cerca da irregular distribuição do nosso jornal, fazendo sinceros votos que prossigamos na nossa carreira, o nosso brilhante colégio «A voz da justiça», da Figueira da Foz.

Ao colégio, que tem amparado a imprensa da pais um lugar de primordial destaque, enviamos os nossos sinceros agradecimentos.

PARA QUE SAIBAM...

De «Uma Alentejana» retemos a certeza que a seguir publicaremos:

A Mocidade Livre

Que «Uma alentejana» é...

Alguma coisa que antecipariam a certeza galante da sua...

Sou querer dizer com isto...

Que é só deixa se parecer...

Não querer, valha-me Deus,

Que por isso se esquivarem...

Não ha bela em sono,

Eis uma grande verdade;

Sempre ha-de haver um defeito

Que, desde uns beldade.

Exemplificareis, por favor...

Com uns nascem mais propensos

Não São nascem mal...

O Marques, um rapacho,

E o Gladys retratado...

Preciso tomar visage...

Pra ensagüete uns bocados...

O Zé Raso (eu não sei

Se é Zé Raso ou Zézé)

Não ficava nada mal

Se engordar uns bocinhos...

O Dias Ferreira, então,

Bem pode ser ter coe o Morais

Pedir sôcio metro d'altura

Pra precisa trecento mil.

As duas coisas...

De todos os dias...

Por isso não se evadem,

E o mestre a lazer.

Mas, ob! que cabeça a malha!

Esquece-me de principal!

Ei visita aqui, podés crer,

Saudas e novo jantar,

Enterra sardinha,

Arreia e sardinha,

Que vos envio, «Moçambique».

De todo o meu coração.

A insinuação loi-e-sombra...

Não volta, por mais que passe...

Acetai os campeirinhos

De

UMA ALENTEJANA

—

De nossa caladinho Mál-

Linga, que agora des em po-

lidianas,

CANTA DO PONTE

A «Una Alentejana»

Saudos:

As cartas que nos mandou

São, sinceramente, saudosas,

Um dia que nos mandou

De que voz, posso amar,

Não encontro, nem ouvi,

Entre os meus juizes,

Quem é que me mandou

Eu vou mandar,

O que pensasse os si

Do que nos cartas se li,

Caro, que é que é que é

Tira logo a insinuação

De que voz deve ser

— O que se nota de praz...

— Malha, que é que é

Qual joli botão de rosa

A quem se joves tão felizes

Pronto, pronto, pronto,

De porcar todo o profiss...

Não veja nisto um questione,

Porque sólá — valde a vendida

— Esquece-me de principal!

Quem se quer — que pare...

Vou, com o profundo desden

Não querer, valha-me Deus,

Não chorar, porque é bom,

Um verdadeiro Ramon,

Li amiga e...

MÁ-LINGUA

Imprensa

Referir-se em termos elogiosos ao nosso jornal, fazendo sinceros votos que prossigamos na nossa carreira, o nosso brilhante colégio «A voz da justiça», da Figueira da Foz.

Ao colégio, que tem amparado a imprensa da pais um lugar de primordial destaque, enviamos os nossos sinceros agradecimentos.

Engenheiro Cunha Leal

A Academia Diplomática Internacionais, de Paris, na sua ultima sessão, acabou de eleger para sua vaga, o prestigioso político português engenheiro señor Cunha Leal. A sessão que teve a cerimónia de conferir a vaga, foi a mais prestigiosa que se realizou em Paris, e contou com a presença de numerosos homens de Estado e de alta inteligência e conhecimento nos meios políticos estrangeiros.

A nosso ilustre corregedorio as nossas sinceras felicitações.



José Barata Rodo
Correspondente de bancos e Casas bancárias

PZEITES

Ferragens, Catarinas, Drigos e Produtos gerais.
Material eléctrico, T. S. F., Ótica e Fotografia
TELEFONE 20
Castelo Branco

AGÊNCIA

AGFA E ZEISS IKON

Aparelhos fotograficos, de projeção e filmagem—chapas, film—paks, películas e papeis

Revelações gratuitas

CASA DAS MALAS

Completo sortido em caixas de ferro e ó francesa, calçado, etc., etc.,
O proprietário agrada uma visita a este estabelecimento.

VICENTE JOSÉ DE MOURA
Rua da Bela Vista

CASTELO BRANCO

A CASA AFRICANA

Grande estabelecimento de modas
: : sedas, veludos e lás fitas para vestidos de senhoras : :

AMILCAR SILVA RAMOS

TELEFONE 38

CASTELO BRANCO

A MUNDIAL

E. das Companhias de Seguros portuguesas a que tem maior receita de prémios, maiores reservas, maior e mais recentemente renovado. Elecção Seguros contra todos os riscos.

— AGENTE —

EDUARDO AFONSO SALAVISA

R. Dr. J. A. Moura N° 63 a 73

CASTELO BRANCO

Dr. Domingos Martins
Romão

— ADVOGADO —

Campo da Pátria

Castelo Branco

A COMPETIDORA

DE

João Pinto Garqueija

CASTELO BRANCO

Modas e costurações, Sedas, Veludos, Lás, La-
tícios das melhores fábricas do país.

Últimas notícias

Prépas sem competência

Sapataria Viziense

DE

Adelino do Amaral

Completo sortido em calçado de homem, se-
nhora e criança.

Rua da Liberdade, 4 e 5

CASTELO BRANCO

Automovel PEUGEOT 7 H. P.

Vende-se em bom estado.

Recebe propostas

Sargento Antunes

Perola Albicastrense

DE

Viúva de Noé Lopes

CAFÉ RESTAURANT

Agência de jornais e da Com-

panhia de Seguros

Portugal Previdente

Castelo Branco

Primeiro de Maio

DE

Martinho Bocágio Valente

VINHOS E AZEITONAS

Rua das Constituintes

CASTELO BRANCO

SAPATARIA ELEGANTE

DE

Cândido da Costa

Especializada em calçado para homens, senhora e crianças, tendo para isso um grande armazém, onde se vendem as melhores marcas nacionais e estrangeiras. Sortido completo de sapatos, botas, sandálias, as mordidas, das melhores marcas.

TELEFONE 143

Rua P. J. Mota, 1 a 3

Rua Monteiro Magro, 2 a 4

CASTELO BRANCO

Sebastião da Silva

Mercearias, loijões,
queijos e especialida-
de em carnes de por-
co.

RUA ALMIRANTE REIS

CASTELO BRANCO

FRUTARIA LISBONENSE

Telefone 154
granas—Frutaria Lisbonense

Mercearia, Vinhos do Porto, Vinhos
da Madeira, Licores Nacionais
e Estrangeiros

Gastronomia Praça Nova 13-14

CASTELO BRANCO

ARMAZEM DE

Ferro, Aço, Folha de Plândoles,
Preáguas, Aranhas, Coifas, Passas
de Ferro e Carbeto

José Paulo

TELEFONE 115

R. de Santa Justa, 20 a 30

Castelo Branco

COVILHA

TOBOS OS TRABALHOS TIPOGRÁFICOS

TIPOGRAFIA MINERVA

TELEFONE 325

Gavurins—Encadernação—Carimbos—Recados

ALFAIATARIA LISBOA

JOSÉ D'ASCENÇÃO MOURA

Confecções para homens,
senhoras, e crianças, sempre
pelos últimos figurinos.

FERROS EM TODAS

AS QUILDRADES

Preços Modicos

R. Alfredo Keil, 13 e 15

CASTELO BRANCO